

O transbordamento metropolitano

O Entorno de Brasília e também o excesso de Brasília, o Distrito Federal transbordante, imigrando suas estruturas de renda e de ocupação do solo e de populações para os municípios goianos vizinhos, unindo assim a demanda migracional de Brasília com a acessibilidade de custos dos terrenos nos municípios vizinhos, uma vez que os terrenos no DF pertencem ao Governo.

Justamente por se dedicarem aos proprietários de baixas rendas, dentro da mecânica usual do capitalismo, os loteamentos particulares das redondezas goianas do DF, seguiram por certo tempo os parâmetros da especulação com terrenos, sobretudo porque o investimento nessas opções era dado a partir do próprio DF, derivando da política discriminatória de rendas da TERRACAP que não beneficiava as aquisições de terrenos pelas baixas rendas e em parte pelo paternalismo da SHIS.

De fato, a perspectiva de 1.000 metros de altura, muito pouco se distingue entre as aglomerações do DF e as de Goiás, denunciando que antes existe ali um mecanismo de fluxos de baixas rendas e de habitações do que propriamente um seccionamento interestadual do espaço. É a Brasília metropolitana, atingida principalmente pelo flanco sul no município de Luziânia. No flanco oeste com Santo Antônio do Descoberto, Norte com Brasilinha. No sul, Cidade Ocidental e Valparaíso recriam, em baixas orbitas de renda e de infraestrutura, a síndrome Taguatinga — Ceilândia de renda média-baixa, enquanto Novo Gama e Pedregal são extensões privadas do Gama, lembrando mais uma vez essa síndrome.

Ja Brasilinha e Santo Antônio tentam se adequar mais ao sistema de Cidades-satélites auto-suficiente, embora devam cumprir um largo percurso até atingirem essas metas.

As populações excessivas e as cidades excludentes do DF terão longa vida nos anos futuros, pois ali se posiciona o grosso da expectativa da população jovem do DF em termos de aquisição de um terreno para a vida futura, dos filhos e dos netos.

E nesse caso, são mais de 750.000 lotes, capazes de albergar pelo menos 3.5 milhões de habitantes, 30% a mais do que se prevê para o Distrito Federal no ano 2.000.

Não nos cabe diante desse fato avaliar ainda quanto às questões de equilíbrio social, mas simplesmente constatar que no ano 2.000 haverá nos flancos do DF uma população maior do que a do complexo das satélites do DF, e a qual provém muito menos de migrações novas do que do próprio mosaico demográfico explosivo do DF. De fato hoje, 37% da população do município de Luziânia (sobretudo em Valparaíso, Cidade Ocidental, Novo Gama e Pedregal), são de pessoas nascidas em Brasília. Em Brasilinha, o quadro é semelhante.

Assim no futuro, as distinções entre o DF e sua cidadania em território goiano serão simplesmente demarcatórias, pois a maior porção de seus cidadãos serão, por direito no uso, brasilienses. É a Capital transbordante do ano 2.000.

Como consequência lógica desses problemas se estabelecem duas grandes questões, que possivelmente se apresentarão como soluções para o ano 2.000:

- 1) Brasília metropolitana — Ideia que visa incorporar as malhas urbanas multiestaduais do DF e de Goiás a uma administração metropolitana;
 - 2) O Distrito Federal ampliado para cerca de 3 vezes o seu atual espaço físico como queria a primeira versão do relatório Cruls, absorvendo cidades e territórios rurais consideráveis, como os de Luziânia, Formosa, Cristalina, Unai, etc.
- Questões para meditação de toda população brasiliense.